

Temas Livres:

Memória, oralidade e subalternidade em *Becos da Memória*

Memory, Orality, and Subalternity in Becos da Memória

DOI: 10.59666/fiosdeletras.v3i06.4703

Shirley Cristina Amador Barbosa ¹



Universidade do Estado do Pará



shirleyamador@hotmail.com



Zilene dos Reis Maciel ²



Universidade do Estado do Pará



zilenereismaciel@gmail.com



Revista Fios de Letras

ISSN: 2966-0130

v. 3, n. 06, e062602, jan-jun, 2026

Informações sobre os autores:

1 Mulher negra quilombola. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGED/UEPA. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED/UEPA (2020). Especialista em Práticas Pedagógicas na Educação do Campo pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Cametá/PA. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará - UEPA (2016).

2 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestra em Educação pela mesma instituição (2024). Possui especialização em Ensino de Língua e Literatura nos Anos Iniciais e na EJA pela Universidade Federal do Pará (UFPA/2025) como também em Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica (UNOPAR/2023). Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (2022).

Fluxo editorial:

Recebido: 06/09/2025

Aceito: 28/05/2026

Publicado: 29/05/2026



This work is licensed under a Creative Commons
Attribution 4.0 International License.

Plagius

Verificador de Plágio

Resumo: A proposta deste artigo é tecer reflexões sobre memória, oralidade e escrita a partir da obra *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo. A metodologia pauta-se na pesquisa qualitativa e bibliográfica, fundamentada em conceitos de memória coletiva (Pollak, 1989), tradição oral (Meneses, 2000) e subalternidade (Gonzalez, 2020). Por meio da obra, analisamos a trajetória de personagens femininas a fim de compreender como suas vozes se unem em uma única voz para denunciar a insuficiência de uma sociedade que ignora, explora e subalterna o outro por sua condição social. A escrita, nesse contexto, se configura como um ato de resistência e de afirmação de identidade, em que as personagens, por meio da memória e da oralidade, buscam reconstruir suas histórias e afirmar sua presença, resistência e luta. Descendentes do povo negro, o romance nos convoca a olhar para nossas histórias como parte de uma luta maior, que ultrapassa o espaço da ficção e se enraíza na realidade de nossas vidas. Assim, Evaristo (2017) revela como a memória coletiva e a oralidade se entrelaçam, permitindo que as experiências e vivências das mulheres negras sejam registradas e transmitidas, desafiando os silenciamentos históricos e a marginalização de suas existências.

Palavras-chave: Memória. Oralidade. Literatura. Conceição Evaristo. Becos da Memória

Abstract: The purpose of this article is to reflect on memory, orality, and writing based on the work *Becos da Memória* (2017) by Conceição Evaristo. The methodology is grounded in qualitative and bibliographic research, drawing on the concepts of collective memory (Pollak, 1989), oral tradition (Meneses, 2000), and subalternity (Gonzalez, 2020). Through the literary work, we analyze the trajectories of female characters in order to understand how their voices merge into a single collective voice that denounces the insufficiency of a society that ignores, exploits, and subalternizes the Other due to social condition. Writing, in this context, is configured as an act of resistance and identity affirmation, through which the characters, mediated by memory and orality, seek to reconstruct their histories and assert their presence, resistance, and struggle. As descendants of the Black people, the novel calls upon us to view our histories as part of a broader struggle that transcends the space of fiction and is rooted in the reality of our lives. Thus, Evaristo (2017) reveals how collective memory and orality intertwine, enabling the recording and transmission of the experiences and lived realities of Black women, challenging historical silencing and the marginalization of their existences.

Keywords: Memory. Orality. Literature. Conceição Evaristo. *Becos da Memória*.

Introdução

Processos literários nascem de maneiras diversas, tendo a língua como veículo. Na escrita, ela versa por clássicos como Conceição Evaristo (2009), Lélia González (1982) que na voz delineiam fazeres muitas vezes invisibilizados às mulheres, em específico as negras.

Dá voz a letra, a literatura permeia a vida de quem foi levada por seus ancestrais a morar entre rios, no recôndito da floresta. Literatura que se desdobra entre os fazeres afro-indígenas e isso, desde os cânones literários como os *Lusíadas* e a *Odisseia*, onde a vivência relatava nuances entre o útil e doce, o agradável e verosímil.

Literatura catártica, a apresentar a função poética encontrada em Kafka, Edgar Allan Poe, Proust, entretanto não podemos restringi-la apenas aos cânones. Falar de literatura é falar da criação de um povo, de uma literatura poética, carregada de sensações, construída de subjetividade, experimentada e vivenciada por homens e mulheres negras, presentes na sociedade brasileira. É falar de uma literatura afro-brasileira, como bem informa Conceição Evaristo (2009).

Nas últimas décadas escritores, pesquisadores, leitores vêm afirmando a existência de uma literatura afro-brasileira, elaborada por descendentes de africanos, e que carrega em seu cerne a luta e a resistência do povo negro trazido em diáspora pelo tráfico do povo africano. Povo livre e que pertenciam a diferentes pontos de África.

Em solo brasileiro, agora escravizados, sofriam as agruras dos campos e das senzalas; unidos aos indígenas que aqui viviam, buscaram expressar todo o seu ser, através de uma poesia sensível, da oralidade, da dança, da memória, da culinária, da ancestralidade e em seus mais variados produtos culturais, como ainda, por meio da literatura.

Narrativa, memória e identidade, a alimentar as crenças e ritos, desafiam a descrença e se inscrevem nas páginas da existência. Produtos da experiência e da vivência de outros, as narrativas estão intimamente ligadas ao passado, à memória, aos processos históricos de um dado lugar ou ser. Resistindo ao tempo e ao esquecimento, elas estão presentes na voz daquele que conta.

Assim, Conceição Evaristo em *Becos da Memória* (2017), conta por meio de Maria Nova, histórias a representar as marcas da escravidão, da violência e da subalternidade. Este último conceito, conforme discutido por Gonzalez (2020), não é apenas uma condição de marginalização, mas um lugar de fala que resiste ao silenciamento e à desapropriação da favela.

E é justamente este silêncio e a subalternidade que constituirão a memória individual e coletiva marcada no romance. Silenciados pela história oficial, Maria Nova narra sua própria história e aquelas que foram herdadas dos seus mais velhos; narrativas a tratar das diásporas vividas por Tio Totó, Negro Alírio, Vó Rita e toda uma população que passa por um processo de demolição da favela onde moravam.

Dessa maneira, o presente artigo visa apresentar reflexões sobre memória e oralidade a partir da obra *Becos da Memória* (2017) de Conceição Evaristo, abordando questões da memória, da importância da oralidade e da escrita na constituição da liberdade para a construção de identidade.

Para isso, em um primeiro momento, apresentaremos um pouco da obra, momento que evidenciaremos a força das mulheres negras. Em seguida, analisaremos a trajetória de personagens femininas do romance a fim de compreender como essas personagens se unem em uma única voz para denunciar a insuficiência de uma sociedade que ignora o outro. Por fim, faremos um contraponto entre o romance e a constituição de nossas narrativas enquanto mulheres negras e pesquisadoras que buscam por meio de seus escritos reafirmar a si e seu lugar de vivência.

1. Por entre memórias e oralidades

Becos da Memória, primeiro romance de Conceição Evaristo, foi escrito durante a década de 1980, porém publicado em 2006. No romance, Evaristo narra o cotidiano da favela a partir do ponto de vista de quem ali vive, abrindo espaços para discussões silenciadas: a escravidão, a violência da população negra, a violação do direito à moradia, a desigualdade social.

O romance, desenvolvido a partir das vivências de idosos, crianças, homens e mulheres periféricos, negros, moradores da favela, é narrado por Maria Nova, a qual expõe as vivências dos sujeitos favelados.

A memória é o fio condutor da narrativa, levando a personagem-narradora a procurar meios para não esquecer a situação miserável em que vive, a forma excludente e subalterna a que foi imposta a si e aos seus. Assim, ela encontra por meio da escrita a forma de resistir aos abusos impostos pela sociedade elitista, machista e preconceituosa.

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória (Evaristo, 2017, p. 16).

Mãe das divindades responsáveis pela inspiração, é “Mnemosyne” quem preside à função poética, a revelar, por si só, o alto valor que lhe é atribuído numa civilização de tradição oral, destaca Meneses (2000). Pollak (1989), sobre o assunto, informa que, para que nossa memória se beneficie do passado do outro, não basta apenas ouvir as narrativas, é preciso que (eu) concorde com elas, as sinta, as transforme, faça parte de minha memória-história para que as lembranças que os outros trazem se construam numa base comum.

Maria Nova ouvia as narrativas de seus mais velhos, como é possível observar no excerto:

Maria-Velha e Tio Totó ficavam trocando histórias, permutando as pedras da coleção. Maria-Nova, ali quietinha, sentada no caixotinho, vinha crescendo e escutando tudo. As pedras pontiagudas que os dois colecionavam eram expostas à Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes e as guardava no fundo do coração (Evaristo, 2017, p. 26).

O narrado, forma artesanal da comunicação, não visa apenas transmitir acontecimentos. Quando um velho assenta na margem do tempo, cria e transforma acontecimentos para que a narrativa floresça.

E é o contar que inspira Maria Nova a escrever. É ouvindo os mais velhos e sua realidade que o desejo de se tornar escritora nasce. Ela queria contar o que ouvia e via de uma maneira diferente, por uma nova ótica, e assim guardava no fundo do coração as narrativas mais angustiantes.

Para essa transformação da memória em resistência, Pollak (1989) destaca que a memória coletiva exige que o sujeito sinta e transforme as lembranças do outro em uma base comum, o que justifica a transposição da oralidade para a escrita feita pela protagonista.

Bosi (1994, p. 90) sobre o assunto explicita que “entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido”, de geração em geração, a gerar novas histórias. Assim, por meio da linguagem, Maria Nova reescreve vidas apagadas, histórias sofridas, traumáticas, desconstruindo estereótipos.

Como Sherazade, que noite após noite tecia narrativas intermináveis ao sultão Shariar, ou mesmo como Penélope e Ariadne, Maria Nova, feito beija-flor, colhe de vida em vida a seiva para alimentar sua escritura.

Mulher tecelã que, a cada narrativa, alinhava os fios da memória, colhia, guardava, refletia as narrativas que ouvia de seus tios e tias, de Vó Rita, Bondade, Tio Totó e de outros moradores da comunidade a fim de mantê-las vivas em palavras escritas, na certeza de que elas nunca seriam esquecidas ou que o mesmo não aconteceria com outras pessoas.

Falar de memória é ter em mente que, do nascer ao morrer, o ser humano é atravessado pela palavra. A sabedoria que elas carregam é vasta, revelando o reconhecimento da fala não somente como comunicação, mas também como preservação da sabedoria, como bem informa Saenger (2016).

A tradição oral foi, para a narradora, essencial para tornar-se escritora e, o escutar, seja dos mais velhos quanto dos mais novos, construiu um legado alinhavado a dores e sofrimento. “Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente” (Evaristo, 2017, p. 27). Verter do oral ao escrito era o desejo de Maria Nova.

De todo texto escrito, reverberam vozes do passado, mas, desde o entendimento do fenômeno literário, acreditou-se ser literatura apenas a criação encontrada na modalidade escrita. Tal abordagem reducionista excluiu da produção literária qualquer forma poética advinda da tradição oral, desqualificando o valor da palavra viva.

É inútil julgar a oralidade de forma negativa, realçando-lhe os traços que contrastam com a escrita. Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna [...], toda oralidade nos aparece mais ou menos como sobrevivência, reemergência de um antes, de um início, de uma origem (Zumthor, 1997, p. 27).

A tradição escrita advém da tradição oral, desta forma, a literatura desde o princípio se serviu dos imaginários dos povos de tradição antiga, conforme expõe Fares e Pimentel (2014, p. 192): “ao ter firmado o pé nas velhas tradições, a literatura não pode hesitar de olhar para o ontem de sua gênese criadora, nem tampouco negar a importância do papel que desempenharam, na história da humanidade”.

Entretanto, vasculhando o arquivo da literatura brasileira, a presença do negro mostra-se exígua, quer seja como personagem, quer seja como autor, fato que aponta nossa literatura como branca e de base eurocêntrica, como informa Duarte (2013).

Mas, apesar do cenário mostrar-se desfavorável para o povo negro, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez e tantas outras modificam o panorama literário com seus escritos, quebram paradigmas ao trazerem em suas escrituras situações cotidianas de pessoas periféricas.

Evaristo (2017) vai muito além: a personagem principal de *Becos da Memória* é uma mulher negra (Maria Nova) e escritora, mulher que irá reafirmar sua presença no mundo por meio da escrita ao reconstruir memórias e oralidades de uma população negra e favelada.

E como pontua Meneses (2000, p. 9), “Pois bem, há algo de mágico na palavra, [...] aqueles que constroem coisas com a palavra, que alteram a realidade, modificam a essência profunda do ser”.

A linguagem é a peça-chave que move e dá sentido ao que está sendo narrado. Nessa perspectiva, Evaristo e Maria Nova constroem identidades subterrâneas pela palavra-linguagem, ao ressurgirem em ambientes delineados pela escrita. Assim, afirmam a resistência das mulheres negras e sua capacidade de construir informações, conhecimentos e memória por meio do vivido.

2. Mulheres no romance

A resistência das mulheres negras faz parte da luta histórica travada por elas, que, ao longo do tempo, têm questionado as imposições da sociedade patriarcal, racista e desigual. É nesse contexto que o romance *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo, se torna um espaço de denúncia e de visibilidade, mostrando que a literatura afro-brasileira é também um lugar de luta e de reivindicação.

Ao narrar a vida de mulheres negras periféricas, a autora dá protagonismo a sujeitos que historicamente foram silenciados. A narrativa de Evaristo (2017) não apenas denuncia, mas também ressignifica essas existências, ao revelar a força, a resistência e a solidariedade que constituem o viver dessas mulheres.

O romance denuncia as violências que se repetem, mas, sobretudo, afirma a potência de um coletivo de mulheres que se unem para resistir. De acordo com Lélia Gonzalez (2020), o racismo e o sexismo estruturam a sociedade brasileira de tal modo que relega às mulheres negras papéis subalternos, vinculados a estereótipos como o da empregada doméstica, da mulata sensual ou da mãe preta.

Ao trazer mulheres como protagonistas de sua narrativa, Evaristo (2017) rompe com essa lógica, mostrando que a mulher negra é sujeito de sua própria história. Esse movimento de retomada da palavra é o que caracteriza a ruptura com a subalternidade intelectual, permitindo que a “voz-corpo” feminina como propõem Gonzalez (2020), emerja do silêncio imposto pelo racismo estrutural. A crítica de González (2020) vai além de uma análise histórica; ela nos convida a refletir sobre a representação das mulheres negras em nossa cultura.

Nesse processo, propõe uma ressignificação dessas imagens, buscando promover um olhar mais justo, humanizado e livre de estereótipos. Ao enunciar assuntos cujas histórias, embora marcadas por dor e resistência, evocam a esperança, e González (2020) nos desafia a reimaginar tais mulheres.

Nesse contexto, diversos estudiosos têm ressaltado a mulher negra como tecelã de sua própria história, graças ao trabalho de intelectuais como Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, entre outras. Essas pensadoras, que destacam a urgência de visibilizar as experiências e vivências dos corpos negros femininos, criam um contra-discurso à narrativa produzida pela cultura hegemônica.

Fernanda Miranda (2019), em seu artigo “Narrativa e experiência histórica nos romances de autoras negras brasileiras: silêncios prescritos”, relata que:

Muitos romances de autoras negras no Brasil se comunicam (entre si) ao inscrever experiências históricas silenciadas em português. Trata-se de um corpo textual que evoca uma episteme partilhada, identificada pela sua ênfase em interpretar a História, tomando-a como um paradigma aberto que abarca novas possibilidades, desde o ponto de vista da experiência do sujeito negro (Miranda, 2019, p. 222).

Becos da memória (2017) é um registro de memórias subterrâneas que emergem em espaços da escrita expondo histórias de pessoas comuns. Empregadas domésticas, lavadeiras, mães solos, mulheres que vivem sozinhas, aquelas que são agredidas por seus companheiros, mulheres subordinadas a um sistema de trabalho a revelar a inferiorização de sua condição social, mas que, apesar da precariedade em que vivem, se tornam referência para suas comunidades.

As personagens Ditinha, Maria Velha e Vó Rita são exemplos emblemáticos disso. São mulheres que vivem entre a dor e a esperança, elas enfrentam violências e desigualdades, e mesmo diante de tantas adversidades, sustentam a vida de suas famílias e vizinhos com coragem, sabedoria e solidariedade.

Destacamos nesta escritura a personagem Ditinha, empregada doméstica, a representar a discrepância entre a vida das mulheres negras periféricas e as patroas brancas de classe média. Sua percepção, mediante a condição social em que vive, revela como o racismo estrutural afeta sua autoestima e a forma como se vê no mundo.

Ainda assim, Ditinha é pilar de sua família, símbolo da luta das mulheres negras que, mesmo submetidas às condições injustas, não deixam de sustentar sua comunidade.

Olhou-se no espelho e sentiu-se tão feia, mais feia do que normalmente se sentia. “E se eu tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar os meus cabelos? (Ditinha detestava o cabelo dela.) [...] Terminado o serviço diário, Ditinha tirou o avental, tomou um banho rápido, jantou e procurou o caminho de casa. [...] Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das joias. Ditinha

gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do trabalho de Ditinha. Olhando e admirando a beleza de Dona Laura, Ditinha se sentiu mais feia ainda. Baixou os olhos envergonhada de si mesma (Evaristo, 2017, p. 75-76).

Evaristo (2017) revela as desigualdades estruturais que permeiam as relações sociais em nosso país, especialmente no que se refere às posições ocupacionais. Ditinha contrasta de forma marcante com sua patroa, mulher branca que desfruta de estabilidade financeira. E, embora tenham ocorrido avanços, as desigualdades raciais ainda se mantêm, dificultando o progresso das mulheres negras nesse campo.

Outra personagem de destaque na obra de Evaristo (2017) é Maria Velha. Guardiã das memórias, a portadora da sabedoria ancestral, aquela que ensina Maria Nova a ouvir e a preservar as histórias do povo negro. Sua figura remete à importância da ancestralidade e da tradição oral como elementos que fortalecem a identidade coletiva e a resistência frente às opressões.

Maria-Velha, mulher dura também, era a terceira mulher de Tio Totó.[...] Já vinha também de muitas dores e era por isso, talvez, que ela sorrisse só para dentro. [...] Tempos houve em que ela ria, sorria, gargalhava até. Tempos bons passados, bem distantes, tempo criança. Ela era renitente, feliz, vivia os dias em grandes saltos pelos campos afora. Vida de roça. [...] Maria-Velha parece que adivinhava os desejos de Maria-Nova. E, quando a menina estava para o sofrer, a tia tinha tristes histórias para rememorar. Contava com uma voz entrecortada de soluços. Soluços secos, sem lágrimas. Sabia-se que ela estava chorando pela voz rouca e pela boca amarga (Evaristo, 2017, p. 25-28).

Segundo Bosi (1994), a memória percorre um longo caminho de volta quando rema contra a corrente do tempo, e cada aspecto rememorado ressignifica e valoriza acontecimentos na luta pela garantia da sobrevivência.

É Maria Velha quem repassa os saberes e experiências a Maria Nova. A voz que emana da narração poética educa os cidadãos do mundo, por meio de processos que tocam a sensibilidade de quem conta-declama e de quem escuta e assim, Maria Velha educava Maria Nova enquanto ela crescia.

Maria Velha era sinal de resistência. Sua força e determinação a impedem de ceder às dificuldades, representando a luta contra as injustiças sociais, como a desapropriação do terreno da favela e a expulsão dos moradores. Junto de sua irmã Joana, ela encontra forças para seguir em frente, mantendo viva a chama da esperança e da luta pela sobrevivência e dignidade de sua comunidade.

Outra personagem marcante é Vó Rita, que mesmo vivendo em meio a uma dura realidade é símbolo de amorosidade, compaixão e solidariedade coletiva “Vó Rita dormia embolada com ela. Vó Rita era boa, gostava muito dela e de todos nós” (Evaristo, 2017, p. 15).

Sua presença no romance nos lembra de mulheres que, mesmo em condições adversas, nunca deixam de partilhar cuidado e esperança. Neste sentido, mostrando que a resistência também se faz pelo afeto e pelo compromisso com a comunidade. Nesse aspecto, é possível ser identificado nas seguintes passagens: como “era bonita Vó Rita! Tinha voz de trovão. Era como uma tempestade suave. Vó Rita tinha rios de amor, chuvas e ventos de bondade dentro do peito” (Evaristo, 2017, p. 24).

É conveniente destacar que, a personagem ensina-nos o esperar de Paulo Freire (1992) e Bell Hooks (2021), a evidenciar que é possível construir caminhos de vida mais dignos para as pessoas negras. Os ensinamentos de Vó Rita nos convocam a reconhecer que o conhecimento não se produz apenas na academia, mas também na experiência vivida, no território, na oralidade e na luta cotidiana. A partir disso, somos levados a tensionar as estruturas que determinam quem pode falar e o que é legitimado como verdade, questionando a lógica de poder da modernidade colonial. Trata-se de um movimento que provoca reflexão sobre a nossa realidade e abre brechas no sistema de opressão, ao afirmar outras formas de saber, de memória e de viver.

As personagens nos convocam a olhar para as mulheres negras não como coadjuvantes, mas como protagonistas que, em meio às adversidades, produzem saberes, práticas e estratégias de sobrevivência.

Evaristo (2017) nesse sentido, contribui para desestabilizar narrativas dominantes e reafirmar a centralidade das mulheres negras na história e na cultura brasileira. Bell Hooks (2021) nos lembra que a pedagogia do amor é uma forma radical de resistência, pois desafia a lógica da dominação.

Nesta perspectiva, a escrita de Evaristo é uma pedagogia do amor e da resistência, ao demonstrar que, mesmo diante da dor e da violência, as mulheres negras constroem caminhos de libertação. Paulo Freire (1992), ao falar do “esperançar”, também nos inspira a compreender que a resistência é feita pela ação, pela luta e pela construção coletiva de alternativas.

Assim, as mulheres em *Becos da Memória* (2017) são símbolos de resistência, esperança e solidariedade. São vozes que ecoam contra o silenciamento e que nos convidam a reconhecer o papel das mulheres negras na construção da memória e da identidade do povo brasileiro.

3. Do romance a nossas histórias

Geertz (1989) informa em seus escritos que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e a narrativa seria a expressão simbólica que cria essas teias. As reflexões propostas em *Becos da Memória* (2017) não se limitam ao espaço literário. Elas se expandem para nossas próprias vivências enquanto mulheres negras e pesquisadoras que buscam inscrever, em suas escritas, os fios de memória e resistência herdados de nossos

ancestrais. A obra de Conceição Evaristo (2017), ao transformar a favela em espaço narrativo, inspira-nos a compreender a literatura como lugar de denúncia, mas também de afirmação de identidades e resistências.

A memória, nesse sentido, torna-se um campo de disputa. Como lembra Pollak (1989), a manutenção de memórias que desafiam a história oficial é um ato político. Nossas vivências enquanto pesquisadoras negras na Amazônia são, portanto, a expressão dessas memórias subalternas que, ao serem escritas, deixam de ser subalternas para se tornarem registro histórico e resistência.

Ao narrar a favela, Maria Nova e Evaristo assumem a tarefa de não deixar que a história de sua comunidade seja apagada. O mesmo se aplica a nós, que, em nossas pesquisas, procuramos registrar as histórias de mulheres que desafiaram o silenciamento imposto pela sociedade.

E assim, como numa corrente de segredos repassados de geração em geração, sussurramos os caminhos que nos trouxeram até aqui. Como Maria Nova que dia após dia foi forjando, guardando em seus becos das memórias as narrativas que lhes atravessavam, seguimos nesta escritura contando histórias e trazendo nossas memórias, desde a tenra infância até o momento atual, quando nos afirmamos professoras e narradoras de histórias.

Carregamos oralidades a contar as Amazônias Mojuense e a Marajoara, territórios marcados pela ancestralidade, pela cultura negra, quilombola, narrativas repassadas de pais a filhos por meio da tradição oral, a ultrapassar limites territoriais.

Narra Maciel: em terras mojuenses, cresci ouvindo as histórias que os mais velhos contavam. Muitas vezes fantásticas, narravam mundos de rios e florestas, de Botos e Matintas, do homem que se transformava em porco e da mulher vestida de branco que ficava parada em frente ao cemitério Santa Helena.

Em tempos de maré alta, corria pelas ruas para ver a passagem da Pororoca; de vez em quando, parava para ouvir as narrativas dos pretinhos que surfavam nas ondas e, assim, memórias e imagens acompanharam minha infância. Curiosa, ouvia atentamente cada uma delas.

As palavras colavam-se às paredes, voavam e saíam pelas janelas, rondavam meus ouvidos, entravam em meu pensamento, e assim, iniciava uma história: há muito tempo, quando não existia estradas e casas e esse lugar era cercado por uma grande mata, escravos eram trazidos de lugares distantes para trabalhar nas terras dos portugueses...

A memória de minha mãe vem à tona. Entre a letra e a voz fui educada. Ainda criança, aprendi as primeiras letras. Com as mãos impacientes, desenhava e escrevia imaginação. A leitura veio com facilidade: lia com empenho, quer fossem os livros didáticos ou qualquer outro livro que encontrasse.

Em fontes escritas, descobri os contos de fadas, princesas e duendes, narrativas tão distantes das que ouvia. Assim, as palavras encantadas, tanto orais quanto escritas, fizeram parte da minha vida escolar.

Após minha formação no ensino médio, cultivei por muito tempo o sonho de cursar o ensino superior, mas a vida nos leva por tantos caminhos que a ida à universidade teve de ser adiada muitas vezes. Assim, após dez anos fora da academia, sendo mãe e dona de casa, adentro o mundo acadêmico em 2018, no curso de graduação em Letras pela Universidade do Estado do Pará.

Moradora de quilombo, foi nos dias de farinhada, nas festas dos santos padroeiros, no estalar da lenha no fogão de barro, na ida à roça, nas danças e nas cantigas de roda que aprendi e registrei as narrativas que me formam e informam enquanto pesquisadora. Formação para a vida trilhada em paralelo à escolar a fomentar o desejo, na graduação, pelo registro das tessituras poéticas das narrativas afro-amazônicas e, assim, contribuir com a preservação de saberes que se perdem com a morte dos mais velhos.

Assim, surge na graduação, após uma disciplina de Literatura, o desejo de escrever sobre um tipo de literatura que singra as Amazônias: literatura encontrada na voz daqueles que moram entre o rio e a mata, atravessando o mito e o imaginário das populações ribeirinhas, que têm o sobrenatural e o inexplicável como verdades absolutas.

Percebi, ainda na graduação, a importância das narrativas orais, por acreditar que elas estão diretamente ligadas ao passado, à memória e aos processos históricos de um dado lugar ou ser. Uma literatura que resiste ao tempo e ao esquecimento, estando presente na voz daquele que conta, canta, declama; uma poesia de memória.

Como mulher negra, tive oportunidades que outras mulheres de minha família não tiveram. Fui alfabetizada ainda na infância, enquanto minha mãe sabia apenas escrever o próprio nome e ler pequenas palavras. Reconheço o esforço de cada uma delas em minha trajetória acadêmica: a resistência de minha avó, que migrou do interior para a cidade em busca de escola para os filhos; a resiliência de minha mãe, que, ainda jovem, criou uma filha sozinha. Entre elas, todo saber foi repassado no cuidado das plantas, na fabricação da farinha e no zelo com o sagrado.

E assim, minha tessitura reafirma o lugar de onde vim, por meio das vivências e experiências que atravessam a mim e a meus mais velhos. No mestrado, busquei no baú do esquecimento, na memória dos mais velhos, os saberes que me educaram, reafirmando todo um conhecimento atravessado pela cultura, memória e ancestralidade de um povo preto e ribeirinho.

Literatura, escrita por uma mulher negra que retrata o fazer e ser de mulheres negras e quilombolas, rompendo com um lugar definido como subalterno e instituindo-se como um audacioso corpo em movimento, a ecoar entre letras e vozes, concebendo um discurso que espelha a experiência afrodescendente nos quilombos de Moju.

Narra Barbosa: desde o meu nascimento, fui envolvida pelo rio da linguagem, alimentada pelos afluentes da oralidade afrodescendente. Cresci ouvindo as narrativas dos mais velhos da minha família e comunidade, cujas vozes moldaram profundamente quem sou hoje. Foi com eles que recebi minha primeira formação, uma educação que valoriza e dá visibilidade aos saberes ancestrais, transmitidos de geração em geração.

Como mulher quilombola, aprendi a enxergar o mundo por meio de uma experiência coletiva, em que o educar é vivido em comunhão. Este escrito reflete as marcas dessa convivência familiar e comunitária, atravessada por uma oralidade que pulsa nos rios, campos e florestas da Amazônia Marajoara, entrelaçando memória, identidade e resistência.

A partir dessa densidade vivida, começo a traçar esta reflexão, evocando lembranças que me transportam para narrativas e memórias enraizadas no quilombo de Vila União/Campina, localizado às margens da PA-154, no município de Salvaterra, na Ilha de Marajó: um lugar com o qual mantenho profundo vínculo de pertencimento.

Quantas aprendizagens emergem ao desfolhar as páginas da memória? Nesse mergulho, conecto-me com algo ancestral que reverbera por trás das antigas ressonâncias das palavras. Nesse movimento, a imagem da minha avó, dona Maria Castorina, surge com força. Mulher negra, guerreira, agricultora, mãe de muitos filhos, ela foi uma figura central em nosso quilombo e uma inspiração inestimável para o caminho que escolhi trilhar na educação.

“Estudem, meus filhos!” – era a frase que minha avó repetia com tanta ênfase, marcando profundamente minha memória. Entre as inúmeras narrativas que ela compartilhava sobre sua infância, essa mensagem ressoa até hoje em meu ser. Sua voz tornou-se guia, despertando em mim o sonho de cursar a universidade e firmando a convicção de que a educação é, e sempre será, o melhor caminho.

Iniciei meus estudos na escolinha da comunidade, onde concluí o ensino fundamental menor. Para cursar os ciclos do fundamental maior e o ensino médio, precisei ir para a sede do município de Salvaterra, pois nossa comunidade não oferecia esses níveis de ensino. Ainda hoje, as crianças estudam até o nono ano em nossa localidade, e quem deseja continuar os estudos precisa se deslocar para a sede do município ou, como no meu caso, para a capital.

Após concluir o ensino médio, mudei-me para Belém, capital do Pará, onde cursei Pedagogia na Universidade do Estado do Pará (UEPA) entre 2012 e 2016. Esse processo de ingresso e permanência na universidade foi repleto de desafios. Enfrentei inúmeras dificuldades, incluindo o racismo institucional, mas não desisti e perseverei até o final.

Ao concluir a graduação, participei do processo seletivo para o curso de mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UEPA. Durante o mestrado, desenvolvi uma pesquisa significativa para o nosso povo, estudando o meu

próprio grupo social. Tornei-me a primeira mulher da minha comunidade a ingressar em um curso de pós-graduação *stricto sensu*, um marco que enche meu coração de orgulho e esperança para as futuras gerações.

Após concluir o mestrado, ingressei em uma especialização em Educação do Campo. Nesse período, participei do processo seletivo para o doutorado em Educação, com um tema que explora o pensar educacional das mulheres do nosso território. Sinto-me profundamente honrada por trilhar o caminho aberto por aquelas que vieram antes de mim, cujas histórias e lutas me inspiram a cada passo.

Minha mãe, mulher negra e militante ativa no movimento negro quilombola, sempre foi um exemplo de resistência e força. Com ela, aprendi desde cedo sobre o fortalecimento identitário e o significado de ser uma mulher negra na sociedade. Meu pai, agricultor, me ensinou os saberes da terra, o valor do cultivo e a conexão com a roça. Esses ensinamentos, transmitidos com amor e sabedoria, moldaram quem sou e reforçam minha trajetória acadêmica e pessoal.

Sinto-me como os personagens de Conceição Evaristo, especialmente Maria Nova, com quem me identifico na narrativa. Ela é exemplo de emancipação, que se manifesta pela educação e pelas possibilidades que ela oferece. Foi na educação que encontrei uma oportunidade de futuro, um caminho para ocuparmos espaços antes inacessíveis a nós — como também afirmam Grada Kilomba (2019) e tantas outras mulheres negras, cujas teorias e experiências educativas se entrelaçam com a oralidade.

No estágio final do meu doutorado, atuando como professora na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, no curso de Educação do Campo, percebo o quanto as vozes fundantes que me constituem formam um rio caudaloso de afetos e ideias. Nesse processo, almejo uma educação que seja tanto reflexão quanto prática, guiada por um ato sensível. A voz — e, no meu caso, a voz-corpo de minha avó e de minha mãe — são testemunhos de amor, resistência e resiliência, que fluem em meu ser como os rios amazônicos.

E assim, em nossa trajetória acadêmica e pessoal, percebemos que a escrita é também uma forma de resistência. Assim como Maria Nova encontra no ato de escrever um meio de transformar dor em narrativa e de preservar memórias, nós também buscamos, em nossas produções, afirmar a existência de sujeitos e saberes muitas vezes invisibilizados. Ao escrever, nos inscrevemos, reafirmamos nossos lugares de fala e de vivência. Narrando nossas histórias, dialogamos com Evaristo e com Maria Nova, construindo pontes entre a ficção e a realidade.

Nesse sentido, as narrativas de nossas próprias trajetórias tornam-se parte do tecido coletivo que compõe a resistência negra feminina. A escrita literária e a escrita acadêmica encontram-se, nesse ponto, como ferramentas de denúncia e de libertação. A memória de nossas ancestrais, que nos atravessa em sonhos, gestos e palavras, inspira-nos a transformar pesquisa em ato político e pedagógico.

Assim, quando evocamos as personagens de *Becos da Memória* (2017), não falamos apenas delas, mas também de nós mesmas e de todas as mulheres que, em suas comunidades, sustentam vidas, educam filhos, partilham saberes e constroem caminhos de esperança. O romance nos convoca a olhar para nossas histórias como parte de uma luta maior, que ultrapassa o espaço da ficção e se enraíza na realidade de nossas vidas.

Ao articularmos nossas experiências com as de Maria Nova e as demais personagens do romance, afirmamos a potência da literatura como ferramenta de resistência, memória e identidade. A obra de Conceição Evaristo nos convida a escrever e a reescrever nossas histórias, garantindo que elas não sejam esquecidas, mas sim transformadas em caminhos de liberdade e de justiça social.

Considerações finais

Narrar é verbalizar, pôr em palavras o presente e o passado, tendo a memória como fio condutor de cada narrativa. Ela não é apenas uma recordação distante, mas um processo contínuo de resignificação, em que o vivido se entrelaça com o que se deseja para o futuro.

Ao contar nossas histórias, damos forma ao que nos constitui, ao que somos e ao que aspiramos ser. Revisitar as experiências passadas nos permite não apenas compreender quem fomos, mas também traçar os caminhos do que ainda podemos nos tornar, sempre com a memória como guia e a palavra como instrumento de transformação.

Assim faz Evaristo, em *Becos da Memória* (2017), ao constituir o romance como um espaço de denúncia, resistência e afirmação da identidade negra. Ao dar protagonismo às personagens periféricas, em especial às mulheres, a autora rompe com a tradição literária eurocêntrica e o inscreve no panorama da literatura brasileira experiências historicamente silenciadas.

As figuras femininas, como Ditinha, Maria Velha e Vó Rita, revelam múltiplas formas de resistência: a luta cotidiana diante da exclusão, a preservação das memórias ancestrais e a solidariedade que sustenta a vida comunitária. Essas personagens mostram que a sobrevivência e a dignidade das comunidades negras dependem, em grande medida, da força das mulheres. Tal representação dialoga com a realidade de inúmeras mulheres negras brasileiras, que continuam enfrentando desigualdades, mas que, ao mesmo tempo, são pilares de cuidado, sabedoria e esperança.

Assim, a literatura de Evaristo (2017) não se limita ao estético: é também pedagogia e política. Ela ensina, sensibiliza e convoca à ação. Como aponta Bell Hooks (2021), a escrita das mulheres negras é prática de cura e de libertação. Paulo Freire (1992), por sua vez, ao falar do “esperançar”, nos lembra que a esperança é ação transformadora. Becos da Memória (2017) inscreve-se nesse horizonte, ao transformar a dor em narrativa e a memória em resistência.

Ao relacionarmos a obra às nossas próprias trajetórias enquanto mulheres negras e pesquisadoras, reafirmamos a escrita como forma de inscrever nossas histórias e resistir ao apagamento. A literatura afro-brasileira é, nesse sentido, não apenas representação, mas ato de reexistência, de reinscrição e de libertação.

Assim, Becos da Memória (2017) amplia o debate sobre culturas negras nas Américas, Caribe e Amazônia, ao inscrever experiências de dor, resistência e esperança. A narrativa de Conceição Evaristo nos recorda que contar histórias é sobreviver, mas também transformar realidades. É nesse horizonte que situamos nossas próprias narrativas e pesquisas, comprometidas com a memória, a identidade e a luta por justiça social.

Referências

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança de Velhos*. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 146–153, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/16787> . Acesso em: 26 dez. 2024.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2017.
- FARES, Josebel Akel e PIMENTEL, Danieli dos Santos. O lugar das poéticas orais. *Revista Boitatá*, Londrina, n. 17, jan./ jul., 2014, p. 191-212. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31661> Acesso em: 01 nov. 2023.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GONZÁLEZ, Lélia. “A mulher negra na sociedade brasileira”: O lugar da mulher- Estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- GONZÁLEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p.375.

HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Editora Elefante, 2021. p. 295.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

MENEZES, Adélia Bezerra de. *Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MIRANDA, F. R. Narrativa e experiência histórica nos romances de autoras negras brasileiras: silêncios prescritos. *Revista Crioula*, [S. l.], v. 1, n. 23, p. 214-230, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/156225> . Acesso em: 01 nov. 2023.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Trad. Dora Rocha Flaksman. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://www.cpd.fgv.br/revista/arq/43.pdf>. Acesso em : 12 mar 2012.

SAENGER, Alexandre Von. A palavra na sabedoria Banto. In: Sônia Queiroz (Org.) *A tradição oral*. Belo Horizonte, FALE: UFMG, 2016.

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e Esquecimento*. Tradução do original francês de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.